

Tensões entre o projeto emancipatório e a reprodução de hierarquias científicas em um manual de psicologia social crítica

Tensions between the emancipatory project and the reproduction of scientific hierarchies in a critical social psychology handbook

Tensiones entre el proyecto emancipatorio y la reproducción de jerarquías científicas en un manual de psicología social crítica

 **Fábio Luiz Nunes**

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br

RESUMO

Examina-se a segunda edição de *The Palgrave handbook of critical social psychology*, editada por Brendan Gough, obra que busca organizar diversas vertentes conceituais, metodológicas e aplicadas da Psicologia social crítica. A resenha percorre as seis partes do compêndio, ressaltando sua crítica à psicologização, ao reducionismo e à pretensa neutralidade da psicologia dominante, traçando conexões com a tradição sócio-histórica brasileira. A apreciação reconhece a relevância do manual para a consolidação global do campo. Entretanto, indica-se como limitação significativa a concentração geopolítica de seus colaboradores, sobretudo oriundos do norte global, implicando a marginalização de tradições críticas autônomas, como a latino-americana. Entende-se, afinal, que o manual, embora constitua um marco em potencial, pode eventualmente reproduzir um modelo centro-periferia na produção científica em Psicologia social.

Palavras-chave: Psicologia social crítica; Epistemologia da psicologia social; Relações centro-periferia.

ABSTRACT

This review examines the second edition of *The Palgrave handbook of critical social psychology*, edited by Brendan Gough, a work that seeks to organize diverse conceptual, methodological, and applied currents of critical social psychology. The review covers the six parts of the compendium, highlighting its critique of the psychologization, reductionism, and purported neutrality of mainstream psychology, drawing connections with the Brazilian socio-historical tradition. The assessment acknowledges the handbook's relevance to the global consolidation of the field. However, a significant limitation is identified in the geopolitical concentration of its contributors, who predominantly originate from the global north, which implies the marginalization of autonomous critical traditions, such as the Latin American one. It is ultimately understood that the handbook, while constituting a potential landmark, may eventually reproduce a center-periphery model in the scientific production of social psychology.

Keywords: Critical social psychology; Epistemology of social psychology; Center-periphery relations.

RESUMEN

Se examina la segunda edición de *The Palgrave handbook of critical social psychology*, editada por Brendan Gough, obra que busca organizar diversas vertientes conceptuales, metodológicas y aplicadas de la psicología social crítica. La reseña recorre las seis partes del compendio, resaltando su crítica a la psicologización, al reduccionismo y a la pretendida neutralidad de la psicología dominante, trazando conexiones con la tradición socio-histórica brasileña. La apreciación reconoce la relevancia del manual para la consolidación global del campo. Sin embargo, se indica como limitación significativa la concentración geopolítica de sus colaboradores, sobre todo oriundos del norte global, lo que implica la marginalización de tradiciones críticas autónomas, como la latinoamericana. Se entiende, a fin de cuentas, que el manual, aunque constituye un hito potencial, puede eventualmente reproducir un modelo centro-periferia en la producción científica en psicología social.

Palabras clave: Psicología social crítica; Epistemología de la psicología social; Relaciones centro-periferia.

Em direção a uma psicologia social criticamente orientada

Desde sua gênese como conjunto organizado de saberes, a Psicologia Social tem se constituído um campo atravessado pela pluralidade, tanto em seus fundamentos teóricos quanto em seus projetos ético-políticos. Essa é uma condição que, no contexto brasileiro, foi extensamente explorada em trabalhos que questionaram a suposta neutralidade da disciplina e propuseram um engajamento com a transformação da realidade social (Lane, 2006; Sawaia, 1999). É essa heterogeneidade constitutiva que tangencia a organização de obras como *The Palgrave handbook of critical social psychology* (Gough, 2025). Esse manual, em sua segunda edição e ainda sem tradução para a língua portuguesa, está estruturado em seis seções que investigam as matrizes teóricas, as metodologias, a reconfiguração de tópicos da cognição social, as identidades e relações sociais, e as aplicações práticas do campo de investigação da psicologia social crítica.

A organização do manual encontra-se sob responsabilidade de Brendan Gough, pesquisador britânico vinculado à Leeds Beckett University, no Reino Unido. Seu percurso profissional o estabelece como uma figura de relevo na pesquisa qualitativa e nos estudos críticos sobre homens e masculinidades. O perfil acadêmico de Gough é consolidado por sua extensa produção bibliográfica e por sua atuação editorial em periódicos importantes, como o *Qualitative Research in Psychology*, do qual é cofundador, e o *Psychology of Men and Masculinity*, da American Psychological Association.

No manual da Palgrave, objeto desta resenha, a parte I é, ela própria, a introdução. Nessa unidade, o capítulo *Critical social psychologies: mapping the terrain*, de autoria do organizador, estabelece os princípios norteadores do que vem a se considerar a psicologia social crítica: a rejeição do reducionismo, da psicologização e da neutralidade que caracterizam a psicologia social hegemônica. Essa postura é congruente, por exemplo, com a da psicologia sócio-histórica desenvolvida no Brasil, que igualmente questiona as concepções a-históricas e naturalizadas do fenômeno psicológico, as quais ocultam suas determinações sociais (Bock, 2007). A introdução prepara o leitor para a parte II, *Critical perspectives*, que se dedica a apresentar os múltiplos fundamentos teóricos que sustentam o campo.

A segunda unidade da obra põe em articulação um conjunto de matrizes teóricas essenciais para a psicologia social crítica. O capítulo de Jeanne Marecek e Eva Magnusson explicita as contribuições do pensamento feminista, enquanto o de Michael Arfken desenvolve uma crítica marxista que centraliza a análise na economia política e na estrutura de classes. Subsequentemente, Vivien Burr e Penny Dick apresentam o construcionismo social, sublinhando o papel dos discursos sociais e da linguagem na constituição dos fenômenos psicossociais, em oposição direta ao cognitivismo. Esses desenvolvimentos encontram, uma vez mais, paralelo na psicologia sócio-histórica, cuja base no materialismo histórico também repudia a noção de um sujeito universal e apriorístico, de maneira a postular que as funções psicológicas são construções decorrentes da atividade humana em contextos sociais específicos (Bock, 2007).

A seção alarga seu repositório teórico com capítulos sobre o potencial radical da teoria psicanalítica (Tom Goodwin), a desconstrução das identidades de gênero e sexuais pela teoria *queer* (Damien Riggs & Gareth Treharne), o enquadramento deleuziano (Steve Brown e Craig Lundy) e, além desses, uma psicologia crítica da raça (Phia Salter & Andrea Haugen). A diversidade de fontes teóricas corresponde a correntes intelectuais de impacto documentado em comunidades acadêmicas específicas como a brasileira, na qual a psicanálise e o pensamento pós-estruturalista possuem ainda grande circulação (Millán *et al.*, 2020). A seção é encerrada com o capítulo de Maritza Montero sobre a *psicologia da libertação*, um projeto teórico-prático fundamentado na ideia de que uma psicologia para a transformação social deve emergir das condições materiais e das lutas históricas das maiorias oprimidas, exigindo, primeiramente, uma “libertação da psicologia” de seus próprios pressupostos ideológicos (Martín-Baró, 2017).

Critical methodologies é a terceira unidade do manual e reúne um conjunto de capítulos que apresentam procedimentos de investigação distintos dos modelos positivistas. A seção é inaugurada com *Phenomenology*, de Darren Langdridge, que discute a análise da experiência vivida como um ato de potencial emancipatório. Na sequência, *Narrative social psychology*, de Michael Murray; *Discourse analysis*, de Martha Augoustinos; e *Psychosocial research*, de Stephanie Taylor, desenvolvem, em conjunto, um terreno metodológico baseado na interpretação da linguagem e das interações. Diversificando o repertório de técnicas qualitativas, completam a seção os textos *Innovations in qualitative methods*, assinado por Virginia Braun, Victoria Clarke e Debra Gray, e *A deeper music: arts-based research as critical social psychology*, cuja autoria é de David Carless e Kitrina Douglas. O propósito geral desta parte é munir o pesquisador com instrumentos que sejam capazes de valorizar a subjetividade e o contexto, em oposição ao experimentalismo que definiu a disciplina ao longo da história (Garrido & Álvaro, 2007).

Os procedimentos metodológicos pormenorizados na parte III priorizam a compreensão dos fenômenos a partir da elocução dos participantes. A fenomenologia, por exemplo, procura descrever o *mundo da vida* (*lifeworld*) sem as pré-concepções das ciências naturais, o que se associa a um realismo crítico que reconhece a realidade dos oprimidos (Martín-Baró, 2017). Por sua vez, as investigações narrativas e a análise do discurso, no lugar de examinarem a linguagem enquanto um canal transparente de informações, tomam esse objeto como o próprio elemento constitutivo da realidade social e da identidade dos sujeitos (Lane, 2006). A pesquisa psicossocial, por fim, investiga as inter-relações entre processos psíquicos e sociais, com atenção ao afeto e às dimensões que transcendem ao racional. Assim, esses métodos representam uma ruptura epistemológica com a tradição que busca isolar variáveis e determinar relações de causalidade em ambientes controlados.

Intitulada *Rethinking social cognition*, a próxima unidade realiza uma reavaliação crítica dos conceitos fundantes da psicologia social de orientação cognitiva. A seção é composta pelos capítulos *Attitudes and attributions*, de Chris McVittie e Andy McKinlay; *Social influence*, de Stephen Gibson e Cordet Smart; *Prejudice*, de Keith Tiffin; *Prosocial behaviour*, de Irene Bruna Seu; e *Relationships: from social cognition to critical social*, assinado por Simon Watts. O objetivo dessa quarta parte é desconstruir noções consolidadas na psicologia social cognitiva, indicando como elas podem velar a complexidade das relações sociais e seu caráter histórico. A seção contesta a propensão da disciplina a localizar os processos sociais no interior da mente individual, uma característica saliente em manuais canônicos (Myers, 2014).

O reexame dos construtos da cognição social sugerido nessa unidade busca desvelar seu substrato ideológico. A crítica às teorias atitudinais e atribucionistas, por exemplo, salienta que tratamentos que as concebem como processos de processamento de informação individuais, como o modelo de covariação (Myers, 2014), ignoram como as avaliações e explicações são ações retóricas situadas em contextos de (negociação de) poder. O intuito seria promover uma “desideologização”, nas palavras de Martín-Baró (2017), demonstrando que conceitos como a influência social ou o preconceito, quando desconectados de suas determinações sócio-históricas, acabam por reproduzir a ideologia que sustenta uma determinada ordem social (Lane, 2006). Essa revisão crítica se estende a teorias desenvolvidas sob o influxo da revolução cognitiva (Garrido & Álvaro, 2007), cujo legado individualista é aqui sistematicamente colocado em causa.

Já a parte V da obra, intitulada *Social identities/relations/conflicts*, congrega capítulos dedicados à desconstrução de categorias identitárias. Essa unidade é composta pelos capítulos *The self*, *Gender*, *Sexual*

identities and practices, *Critical approaches to race*, *Towards a critical social psychology of social class*, *Critical disability studies* e *Intersectionality: an underutilized but essential theoretical framework for social psychology*. O tratamento teórico que unifica esses diferentes textos consiste em apreender as identidades não como essências individuais e estáveis, senão como produtos de processos sociais, históricos e políticos. Nota-se que se coaduna essa orientação teórica com a tradição da psicologia social crítica latino-americana, que há muito postula a identidade como um construto determinado pelas relações de produção e mediado ideologicamente (Lane, 2006). A seção, logo, aprofunda a crítica à naturalização dos fenômenos psicológicos, um processo através do qual a psicologia hegemônica tem historicamente ocultado as condições materiais e sociais que constituem a subjetividade, segundo afirma Bock (2007). O conjunto dos capítulos representa um avanço em relação a debates anteriores sobre a inadequação do método científico positivista para a análise de fenômenos sociais, conforme apresentado na evolução da disciplina (Garrido & Álvaro, 2007).

O capítulo *The self* abre a unidade com uma abordagem da noção do Eu, questionando a formulação dualista e essencialista de William James, cuja análise é um ponto de partida histórico para o interacionismo simbólico (Garrido & Álvaro, 2007). Os capítulos subsequentes investigam gênero e sexualidade como *performances* e construções discursivas, opondo-se a concepções biologizantes. Essa ideia acha sustentação na premissa de que os papéis sociais, incluindo os de gênero, são definidos historicamente para a manutenção de certas estruturas de poder (Lane, 2006), e exemplifica a crítica à transformação de padrões sociais em supostas verdades naturais, como salienta Bock (2007). De maneira semelhante, *Critical approaches to race* e *Towards a critical social psychology of social class* investigam como raça e classe são categorias socialmente produzidas, mobilizadas para perpetuar desigualdades. Essa investigação se conecta diretamente à função histórica da psicologia de classificar e diferenciar sujeitos, por meio da qual se legitimam assimetrias sociais, uma denúncia também feita por Bock (2007), e à centralidade das relações de classe na organização da vida social (Lane, 2006). Os textos sobre deficiência e interseccionalidade, por seu turno, complexificam a discussão por evidenciarem como múltiplas categorias de identidade se interpenetram na produção da experiência subjetiva e das relações de poder.

A última unidade da obra, *Critical applications*, reúne textos que abordam a inserção da psicologia social crítica em domínios profissionais específicos. O capítulo *Critical health psychology*, de Antonia C. Lyons e Kerry Chamberlain, e *Critical clinical psychology*, de Steven Coles e Aisling Mannion, analisam os paradigmas dominantes em suas respectivas áreas (psicologia da saúde e clínica), questionando a centralidade dos modelos biomédicos e a patologização do sofrimento. Essa desconstrução dos discursos individualizantes, que localizam a disfunção no sujeito, dialoga com a necessidade de uma psicologia que não se apresente desvinculada da realidade social e cultural (Bock, 2007). A questão que permanece é se tais críticas se convertem em uma práxis orientada para a transformação estrutural, um requisito para uma autêntica psicologia da libertação (Martín-Baró, 2017). De maneira similar, *Educational psychology in (times of) crisis*, por China Mills, e *Critical organisational psychology*, por Matthew McDonald e David Bubna-Litic, investigam a instrumentalização da psicologia para a manutenção de assimetrias de poder em contextos institucionais. Os autores tratam, por exemplo, da psicologização da pobreza no sistema educacional e da subordinação do bem-estar do trabalhador aos imperativos gerenciais.

A seção também caminha para territórios menos convencionais da prática psicológica. O texto *Environment: critical social psychology in the anthropocene*, de Paul Stenner, posiciona a crise ecológica na condição de fenômeno psicossocial, discorrendo sobre as complexas relações entre subjetividade e degradação ambiental. Por sua vez, *Kaupapa Māori psychology as a critical praxis for addressing precarity*, de Darrin Hodgetts e colaboradores, introduz uma metodologia de conhecimento fundamentada em princípios decoloniais e na práxis comunitária aborígene da Oceania para investigar a precariedade. É, de fato, notável a inclusão de um capítulo com esse posicionamento epistemológico, já que suscita um questionamento sobre a geografia intelectual do próprio manual. Nesse sentido, a predominância de autores do norte global na seção pode, involuntariamente, obscurecer a existência e a potência de tradições críticas distintas, forjadas em outras conjunturas sócio-históricas e políticas, que possuem suas próprias agendas de aplicação e intervenção psicossocial.

O livro organizado por B. Gough tem o potencial de representar um marco na consolidação da psicologia social crítica internacional, à medida que reúne uma pluralidade de correntes teóricas e metodológicas em

um todo coerente, o que lhe confere legitimidade institucional. A pretensão do editor de constituir um projeto genuinamente dissidente é, porém, fragilizada por uma expressiva concentração geopolítica dos autores participantes. A obra se coloca como uma alternativa ao paradigma hegemônico, exemplificado por manuais como o de Myers (2014), cuja produção e validação do conhecimento estão firmemente ancoradas no contexto acadêmico estadunidense. O paradoxo repousa no fato de que, apesar da oposição epistemológica, o manual da Palgrave replica uma geografia do conhecimento parecida, com a esmagadora maioria de seus colaboradores vinculada a instituições do norte global, principalmente do Reino Unido e dos Estados Unidos da América.

Essa limitação resulta na exclusão de tradições críticas autônomas e historicamente situadas, como a psicologia social crítica feita no Brasil. Tal corrente, com raízes na obra de Lane (2006), desenvolveu-se a partir das condições sociopolíticas específicas da América Latina, e propôs uma ciência psicossocial engajada com a transformação da realidade local. A solidez e a particularidade dessa tradição são, a propósito, atestadas por estudos bibliométricos, como o de Millán et al. (2020), que lançam luz sobre sua elevada “dependência de contexto” e uma genealogia intelectual distinta da anglo-saxônica. Dessa maneira, quando não incorpora produções do sul global, B. Gough pode perpetuar um modelo centro-periferia na produção do conhecimento em Psicologia social.

Referências

- Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (Orgs.). (2007). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (3a ed.). São Paulo, Brasil: Cortez.
- Garrido, A., & Álvaro, J. L. (2007). *Psicología social: perspectivas psicológicas y sociológicas* (2a ed.). McGraw-Hill.
- Gough, B. (2025). *The Palgrave handbook of critical social psychology* (2a ed.). Palgrave Macmillan. <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-031-80533-2>
- Lane, S. T. M. (2006). *O que é psicologia social* (22a ed.). São Paulo, Brasil: Brasiliense.
- Martín-Baró, I. (2017). *Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Millán, J. D., Cudina, J. N., Ossa, J. C., Vega-Arce, M., Scholten, H., & Salas, G. (2020). Academic networks of critical social psychology in Brazil. An analysis of the impact and the intellectual roots. *Current Psychology*. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00827-9>.
- Myers, D. G. (2014). *Psicologia social* (10a ed.). Porto Alegre, Brasil: AMGH Editora.
- Sawaia, B. B. (1999). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, Brasil: Vozes.

Contribuição dos Autores

Conceitualização: N. F. L.
Redação do manuscrito: N. F. L.
Análise dos dados: N. F. L.
Revisão e edição: N. F. L.

Recebido em: 18/08/2025

Aceito em: 09/10/2025

Como citar:

Nunes, F. L. Tensões entre o projeto emancipatório e a reprodução de hierarquias científicas em um manual de psicologia social crítica. *Rev Polis e Psique*, 2026, 16: e026009.

Financiamento:

Não houve financiamento.